

ENSINO DE GEOGRAFIA: O TEÓRICO E A PRÁTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Renata Maria de Almeida¹
Letícia Risso Casagrande²
Waldiney Aguiar Gomes³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma discussão sobre a importância da teoria e da prática durante a formação docente, ressaltando a importância da disciplina de estágio nos cursos de licenciatura. O objetivo condiz com a necessidade de o aluno compreender que o estágio não é apenas colocar a teoria em prática, ou tentar aproximar a realidade da teoria, mas sim obter por meio da prática conclusões, permitindo verificar que nem sempre a teoria deve ser igual na prática, em outras palavras significa dizer que a realidade, a ação pedagógica é diferente em determinada escola e determinada cultura, por isso a teoria pode não condizer muitas vezes, com a prática, porém é necessário estabelecer um diálogo entre ambas, fazendo uma discussão dos pontos divergentes. Ainda pretende-se demonstrar que a teoria não existe isolada da prática, ambas se inter-relacionam, sendo assim indissociáveis. O estágio deve ser compreendido como um momento de intervenção, de diagnóstico da realidade, de mudança, da práxis e não apenas como formalidade para cumprir uma etapa da formação acadêmica.

Palavras-chave: Ensino; Estágio; Teoria-Prática; Geografia.

Introdução

Neste trabalho buscamos discutir a importância da teoria e da prática durante a formação acadêmica nos cursos de licenciatura, sobretudo em Geografia, apresentando o estágio como um período de vivência de ambas.

É no contexto de uma aproximação da teoria com a prática que busca-se nos estágios vivenciar-las como sendo fundamental para a preparação futura como professor. Entendendo a importância que o estágio possui e a integração entre teoria e prática durante os estágios buscamos explicitar como está a prática que ocorre durante a graduação, bem como a importância que elas possuem como um condicionamento para uma transformação social.

A teoria e prática conduzem para um caminho onde não é possível desvincular uma da outra, procurando fazer existir um elo que ligue-as no sentido de conduzir para a construção do conhecimento e na aplicação deste conhecimento, partindo do entendimento que teoria e prática podem ser definidas como práxis no momento em que ambas significam o ideal e o material, como condição essencialmente humana.

Buscamos demonstrar também neste trabalho a importância das disciplinas práticas e teóricas nos cursos de Geografia que visam formar professores, ou seja,

¹Acadêmica do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *Campus* de Francisco Beltrão. E-mail: renata_dealmeida@hotmail.com

²Acadêmica do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *Campus* de Francisco Beltrão. E-mail: letircasagrande@hotmail.com

³Professor de Estágio Supervisionado na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) *Campus* de Francisco Beltrão. E-mail: waldineyprofunioeste@hotmail.com

cursos que oferecem a licenciatura, precisam embasar os acadêmicos teoricamente, mas, precisam também, confrontá-los com a prática.

Estes dois elementos: teoria e prática, estão intimamente ligados. Apenas a teoria, apesar dela ser a responsável por produzir o conhecimento, não é capaz de transformar nada real, ela carece da prática para se consolidar. Neste contexto, buscou-se demonstrar como teoria e prática são indissociáveis, pois uma depende da outra para concretizar a ação pedagógica.

Deste modo trabalhamos o estágio como sendo um instrumento de junção da teoria e da prática, uma aproximação do universitário com a realidade escolar. O objetivo a ser alcançado é adquirir conhecimento sobre a prática pedagógica e como aplicá-la sobre a ação educativa.

Entende-se que o estágio se torna o grande responsável por estabelecer a tão necessária correlação entre teórica e prática, sua função é preparar para o exercício da profissão professor. Ainda neste contexto, compreende-se o estágio como uma forma de conscientizar o futuro professor de suas obrigações para com o conhecimento, fazendo com que este seja um instrumento de transformação social da ordem constituída. Cabe aos professores ao assimilar a teoria com a prática, executar esta tarefa por meio da instigação perene ao espírito crítico. “A prática de estágio na Geografia não pode ser entendida apenas como um cumprimento da grade curricular, mas sim contextualizado e comprometido com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social” (SAIKI E GODOI, 2007, pg. 26).

Mas qual a causa de tanta dificuldade? Compreende-se que elas são causadas pela falta de preparação do acadêmico para adaptar a teoria e a prática, uma vez que a universidade valoriza pouco esta questão. Podemos falar também de situações onde a teoria não condiz com a realidade, desta forma não podendo ser transmitida. No caso da Geografia especificamente, outra questão pode ser levantada, a da dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana, que acarreta mais dificuldades para interligar os conhecimentos, que por sua vez acabam por parecer vagos, isolados e sem sentido.

Desta maneira, buscamos demonstrar como a prática e a teoria se fazem presentes no cotidiano escolar e como podem ser entendidas como a práxis transformadora no estágio e na atuação como professor.

Teoria e prática: a práxis essencialmente humana

Para compreender a gênese que compõem o amplo significado de teoria e prática é preciso mesmo que brevemente buscar no percurso histórico da humanidade a explicação para a existência de uma teoria e de uma prática essencialmente humana. Deste modo, compreende-se com base nos conhecimentos acumulados o início da produção de um conhecimento teórico que se encontra correlacionado à necessidade de se produzir os primeiros instrumentos de trabalho assim como às exigências das primeiras práticas produtivas. Foi com a sociedade escravista que teve lugar a divisão de classes, criando condições para que juntamente com o aperfeiçoamento dos instrumentos de produção fossem colocadas tarefas teóricas intimamente ligadas com a ação produtiva. “Desde então até nossos dias, o progresso do conhecimento teórico, e inclusive as formas mais elevadas da atividade científica, aparece vinculado às necessidades práticas dos homens” (VÁZQUEZ, p.244, 2007).

Essa observação preliminar reconhece que desde muito tempo a teoria acha-se intimamente ligada à prática, existindo, sobretudo, conforme Vázquez (2007) descreve,

uma unidade entre ambas e também autonomia e dependência de uma em relação à outra.

O desenvolvimento da teoria necessita da própria prática, porque da teoria pode-se obter a prática e a prática para se tornar uma ação efetiva necessita de uma aproximação com a teoria. Muitos autores que trabalharam mais detalhadamente sobre estas questões, dentre eles Marx, Lênin e contemporâneos, admitem que o homem sente a necessidade de novas atividades práticas transformadoras, mas que mesmo assim carecem do instrumental teórico (VÁZQUEZ, 2007, p. 256). Portanto a necessidade prática se efetiva por meio da teoria. Para esclarecer estas observações imaginemos que a teoria antecede a prática sob um plano de que esta prática se converte em ação real e efetiva, portanto a teoria colocada em prática.

A dependência da teoria com respeito à prática, e a existência desta como fundamento e fim últimos da teoria, evidenciam que a prática – concebida como uma práxis humana total – tem a primazia sobre a teoria; mas esse seu primado, longe de implicar uma contraposição absoluta à teoria, pressupõe uma íntima vinculação a ela (VÁSQUEZ, p. 256-2007).

Quando se obtém a prática é necessário existir a compreensão desta, assegurada pela teoria, que ambas se identifiquem e se vinculem, pois a teoria sozinha mesmo que produza o conhecimento não transforma nada real e concreto, mas é preciso que a teoria pretenda realizar-se e concretizar-se, do contrário será vazia e plenamente distanciada da prática.

Toda profissão possui o exercício de técnicas para a realização de suas atividades, no entanto, a utilização apenas da técnica não é suficiente para resolver os problemas com os quais os profissionais se defrontam. Desta maneira, compreende-se que o técnico não possuiu um conhecimento científico, reduzindo-se ao prático. Este seria um exemplo quando a teoria aparece distanciada da prática, ou seja, quando a técnica acha-se intimamente ligada ao prático como se a teoria fosse desnecessária. Muitas vezes parece-nos que a teoria e a prática são tratadas isoladamente, o que gera equívocos que devem ser superados, porque mesmo que determinada profissão possua mais prática ou mais teoria mesmo assim ela também necessitará de uma ou da outra, sobre o prisma de que ambas devem ter um caráter investigativo, de intervenção. Como bem ressaltam Pimenta e Lima (2004, p. 34) “ a teoria é indissociável da prática”.

Verificamos, assim, que o profissional que não consegue investigar questões específicas de sua área de conhecimento ou que não tenha tido oportunidade de pesquisar-se a si mesmo necessariamente, não terá condições de projetar seu próprio trabalho, de avaliar seu desempenho [...] (FAZENDA, 1991, p. 55).

Certamente a dicotomia existente entre teoria e prática deve-se ao fato que determinadas profissões são demasiadamente técnicas, voltada para uma atividade instrumental, embasadas na aplicação de rigorosas teorias e técnicas científicas, enquanto o pesquisador é engajado na prática e considera o conhecimento teórico que lhe dá base (DINIZ, 2000, p. 34).

Sobre o caráter investigativo analisamos Pimenta e Lima (2004, p. 43), os quais destacam que

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade.

Compreende-se que a prática também pode ser vinculada à necessidade transformadora do social e que mesmo nestas circunstâncias o homem carece de um instrumental teórico, e para tanto, é evidente que a teoria mantenha uma relação consciente da dependência que mantém com a prática, pois uma só se satisfaz com a ajuda da outra. O processo de tramitação de uma para a outra é complexo e de grande dependência, não se constitui de segmentos isolados, desta maneira “a teoria responde a necessidades práticas, e tem sua fonte na prática” (VÁZQUEZ, 2007, p. 257).

A história da teoria e da prática como já analisamos, é fundamentada na existência humana, portanto, nas palavras de Vázquez (2007) ela é considerada uma práxis humana (atividades práticas do homem). Com esse efeito, o homem como um ser de caráter social pode utilizar a prática como um meio de transformação do mundo onde vive, neste caso uma transformação social, que vinculada à teoria assume o caráter de práxis descrito por Vázquez (2007, p. 257-258)

Referimos-nos, portanto, à atividade prática social, transformadora, que responde às necessidades práticas e implica em certo grau de conhecimento da realidade que transforma as necessidades que satisfaz. Mas mesmo assim, a prática não fala por si mesma, isto é, não é diretamente teórica, como Marx observa em sua tese (VIII) sobre Feuerbach, pois existe a prática e a compreensão dessa prática.

Assim observamos a prática como uma ação transformadora que implica no conhecimento e compreensão das relações sociais, por isso, a necessidade da teoria e mesmo sendo claras as relações sociais, que possam dar o entendimento que a prática sobrevive sem a teoria, é necessário compreender os limites de ambas as práticas, mas sem permitir a sua desvinculação. Teoria e prática precisam ser essencialmente vinculadas, para que a compreensão da realidade social possa reverter em transformação, ou seja, além de estudar a realidade, permite-se interferir.

A teoria sozinha não pode ser entendida como práxis, porque mesmo possuindo o conhecimento não pode sozinha transformar nada real e concreto. Eis o verdadeiro alcance entre teoria e prática, de modo que se a teoria não pretender se realizar, ela se torna divorciada da prática, portanto, a unidade da teoria é a própria prática. Neste contexto, buscando ressaltar a unidade existente entre ambas, verificamos que o homem só consegue transformar o mundo, segundo Vázquez (2007), a partir de um nível teórico, inserindo sua práxis na história teórico-prática. Deste modo, analisamos que: “As relações entre teoria e a prática [são] consideradas como duas formas de comportamento do homem diante da realidade, que se desenvolvem, em estreita unidade, ao longo da história humana” (VÁSQUEZ, 2007, pg. 261).

Após esta breve incursão teórica, compreende-se a unidade existente entre a teoria e a prática, o que pressupõe a mútua dependência entre ambas. Deste modo, mesmo permanecendo evidente a dependência, existe ainda uma dicotomia, a separação, ou a primazia de uma sobre a outra. Portanto a práxis inexistente. Segundo as palavras de Vázquez (2007, p. 262) “a práxis é, na verdade, atividade teórico-prática; isto é, tem um

lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático”. Assim, compreende-se que a natureza humana é essencialmente teórica e prática e que a história humana é retratada através desta ligação. Neste contexto, para que a transformação social possa ser realizada é preciso guiar-se pela teoria e pela prática, porque uma não consegue concretizar-se plenamente sem a ajuda da outra.

Teoria e prática: o estágio como aproximação

Analisando a importância que a teoria e prática possuem no desenvolvimento das ações humanas, partimos para a utilização de ambas na formação docente.

Refletir sobre a formação do professor na atualidade implica pensar um processo amplo e complexo, sobretudo, quando se discute a teoria e a prática durante os cursos de graduação, neste caso a licenciatura.

Certamente a maneira de vivenciar ou compreender a teoria e prática durante a formação dos professores é com a realização dos estágios, sendo eles de observação, quando o estagiário apenas observa a dinamicidade da escola e da sala de aula, e de regência, momento em que é preciso entrar em sala de aula como professor.

Por estágio curricular entende-se as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao campo futuro de trabalho [...] Por isso costuma-se denominá-lo a “parte mais prática” do curso, em contraposição às demais disciplinas consideradas como a “parte mais teórica” (PIMENTA, 2001, p.21).

Neste contexto, compreende-se que as disciplinas práticas e teóricas são trabalhadas separadamente, gerando uma dicotomia que posteriormente trará dificuldades aos futuros professores em fazer a ligação entre ambas, justamente porque a universidade não prepara adequadamente os estagiários para atuar com a teoria e com a prática.

No cerne desta afirmação, está a constatação de que na formação dos professores “o curso nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica. Ou seja, carece de teoria e de prática” (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 33). Desta maneira compreende-se que as disciplinas teóricas e práticas são trabalhadas separadamente, isoladas, dificultando a elaboração de atividades que envolvam a prática e a teoria durante a atuação do futuro professor.

A universidade possui como papel fundamental a preparação dos alunos para se tornarem futuros professores, englobando as disciplinas práticas e teóricas que devem fundamentar a atuação futura na sala de aula.

O que ocorre é a ausência de fundamentos teóricos justificando uma determinada prática, da mesma forma em que uma postura crítica sobre a prática pedagógica só pode existir quando há uma relação dialógica entre ela e a teoria (PICONEZ, 1991, p. 22).

O objetivo a ser alcançado com a teoria e prática no estágio consiste em adquirir conhecimento da prática pedagógica e aplicá-los sobre a ação educativa. O conhecimento deve seguir da aplicação na prática, para que a partir deste processo possam ocorrer relações dialógicas entre ambas, contribuindo na construção de novos conhecimentos. Desta maneira, como descreve ainda Piconez (1991, pg. 29) “A teoria, com efeito, surge a partir da prática, é elaborada em função da prática, e sua verdade é verificada pela própria prática”.

De um modo geral, as disciplinas teóricas não preparam teoricamente os alunos para vivenciar a prática. Os alunos quando realizam o estágio argumentam frequentemente que a teoria não condiz com a prática, certamente porque a universidade não prepara adequadamente seus alunos para compreender uma e relacionar com a outra. A teoria, como descreve Piconez (1991), surge da prática, portanto é preciso entender o processo de ligação que une as duas. A universidade como sugere Kulcsar (1991, p. 63) “parece não conseguir formar um profissional competente, capaz de reoperacionalizar a teoria em relação à prática”. Se o estágio é compreendido como a parte prática ele deve suceder a uma fundamentação teórica que possa dar condições de entendimento da prática que se pretende realizar.

Ainda nas Universidades é possível sentir uma preocupação maior com a teoria, sendo as disciplinas práticas reduzidas a uma carga horária relativamente menor que as teóricas. Mas mesmo existindo essa diferença gritante, os alunos saem sem ter uma preparação adequada teoricamente sobre os conhecimentos que devem possuir sobre a prática. Isto não significa que a questão seja aumentar uma ou outra, mas induzir os alunos a compreender que elas são indissociáveis. Uma das dificuldades que os alunos sentem é que não sabem fazer uma leitura compreensiva sobre a relação entre a teoria e a prática. Em determinadas situações a teoria não condiz verdadeiramente com a prática, mas isso não significa que temos que enquadrar uma na outra ou vice-versa, pode-se discordar e interagir com o autor.

Partindo das constatações acima entendemos que o estágio é um momento de aproximação da teoria com a prática, sendo elas o “núcleo articulador da formação profissional” (PIMENTA, 2001, p. 69).

“Não é só com o curso que o indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente como construtor de uma práxis que o profissional se forma” (FÁVERO, 1992, p. 65 apud PIMENTA (2001), p. 69). Deste modo entendemos que o estágio além de ser a vivência prática da teoria, é também o momento de buscar a unidade ou o confronto entre ambas.

Exemplificando Marx como uma referência para a compreensão da práxis, encontramos que a práxis é a atitude (teórico-prática) humana de transformação da natureza e da sociedade. Não basta conhecer e interpretar o mundo, é preciso transformá-lo (PIMENTA, 2001, p. 86). Neste sentido, encontramos no estágio um momento de transformação da realidade social. Para que esta ação possa ocorrer é preciso existir um conhecimento desta realidade, dos problemas gerados e das necessidades, neste caso nos referimos também à escola. Para poder exercer uma prática transformadora é preciso conhecer as dificuldades existentes, por isso durante a graduação cursamos as disciplinas chamadas “teóricas” e o estágio que é denominado como a disciplina “prática” dos cursos.

A atividade teórica é que possibilita de modo indissociável o conhecimento da realidade e o estabelecimento de finalidades para sua transformação. Mas para produzir tal transformação não

é suficiente a atividade teórica; é preciso atuar praticamente (PIMENTA, 2001, p. 92).

A teoria é uma atividade capaz de induzir ao conhecimento da realidade vivida, mas não transforma sozinha nada do real e do concreto, portanto não pode ser considerada práxis. Neste sentido ressalta-se a unidade entre teoria e prática para demonstrar que ambas têm um sentido, como Vázquez (2007) descreve, de transformação da realidade. O estágio evidencia a unidade entre elas e também contribui para a transformação social, uma vez que o estágio não pode ser reduzido às perspectivas de prática instrumental, sendo que a profissão de educador é por si só considerada uma prática social e deve encaminhar-se para a transformação da realidade, na qual atuará. Deste modo entende-se que

O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreender os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais e de si mesmo como profissionais, nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica às condições materiais nas quais o ensino ocorre (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 49).

O trabalho docente é práxis, fundamenta-se de teoria e da prática para realizar a transformação social conjugada à ação humana, exercício humano sobre a realidade vivida que ocorre através da reciprocidade entre teoria e prática. O estágio se consagra pela aproximação de ambas, que juntas relutam pela transformação do social. O estágio é um dos componentes do currículo de formação profissional e sua função também é preparar para o exercício da profissão, neste caso a docência. Esta preparação é uma atividade teórica em que o estagiário conhece a realidade e estabelece idealmente os objetivos que pretende colocar em prática. A teoria é a atividade teórica que possibilita conhecer a realidade e por isso deve partir do conhecimento desta que já existe, assim, o estágio é uma atividade teórica que permite conhecer a realidade e prepara o aluno para transformá-la com o seu trabalho, ou seja, com a sua atividade prática, realizando o exercício da práxis transformadora (PIMENTA, 2001, p. 183).

O estágio faz parte de um processo de formação que visa conscientizar o futuro professor para através da sua atuação nas escolas transformar a realidade social dos alunos instigado pela crítica. O professor assume um caráter revolucionário, quando através do conhecimento (teoria) da realidade concreta e real, busca pro meio da criticidade exercer uma prática transformadora.

A crítica dessa realidade presente promove a busca de uma alternativa social na qual os males sociais denunciados pela crítica encontrem uma solução: ou seja, a crítica remete a um projeto de transformação da realidade presente que se caracteriza, em relação a este presente injusto, como um projeto de emancipação ou libertação. [...] Deste modo, para que este projeto não seja um simples sonho, desejo ou utopia pura, é necessário conhecer a realidade que deve ser transformada, as possibilidades que essa realidade oferece para isso, e deve-se conhecer também qual é o sujeito ou os sujeitos que podem realizar essa mudança, assim como os meios e caminhos adequados para essa realização (VÁZQUEZ, 2007, p. 437).

A partir da perspectiva analisada, em que o estágio aparece como um momento de preparação para interferir na realidade social, com o propósito de transformação, por meio da junção entre teoria e prática, passamos para o entendimento da Geografia com sendo fundamental nesse processo.

Refletir sobre o ensino de Geografia na atualidade implica pensar em processo amplo e complexo, sobretudo pelas transformações que ocorrem demasiadamente rápida no campo da economia, política, ciências e também no ensino. A Geografia se ocupa dos estudos da transformação do espaço, das relações dialéticas e das mudanças que ocorrem no mundo, ainda mais com o período técnico-científico-informacional.

Sabendo que a Geografia se ocupa dos estudos que envolvem questões voltadas para o social, decorrentes da influência que a política e a economia exercem sobre a população refletindo na cultura, entendemos que o estágio deve voltar-se também para o entendimento desta realidade.

O professor de Geografia, não deve resumir-se a um competente veiculador de conhecimentos e acontecimentos atuais, mas precisa ser um profissional preocupado com as conseqüências dos conhecimentos, com a formação política do aluno, com a sua capacidade crítica (GUIMARÃES, 2000, p. 21).

A prática de estágio na Geografia não pode ser entendida apenas como um cumprimento da grade curricular, mas sim contextualizado e comprometido com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social (SAIKI; GODOI, 2007, p. 26).

As análises realizadas durante as aulas de Prática de Ensino permitem articular a teoria e a prática e também contribuem para estabelecermos relações entre ambas, para poder melhorar a prática docente, identificando e diagnosticando os problemas que envolvem a realidade escolar e do ensino, a fim de ampliar o conhecimento já adquirido e utilizá-lo no processo de formação profissional.

Além dos estágios que devem ser realizados para que se possa estabelecer a articulação entre teoria e prática é de fundamental importância os encontros realizados em sala de aula, para compartilhar as experiências adquiridas com os colegas possibilitando conhecer novas realidades e técnicas para se trabalhar em sala de aula.

Na Geografia existem inúmeras discussões sobre seu legado enquanto disciplina, sobre seu papel educador e transformador e ainda sobre como colocar a teoria na prática, dificuldade que sentimos frequentemente quando nos deparamos com a parte prática do curso. Compreende-se que o teórico é o ideal a ser alcançado e a prática momento de executar o ideal, o que demonstra mais uma vez a dependência entre as duas.

Assim subentende-se nas palavras de Pimenta e Lima (2004, p.35) que “a profissão de professor também é prática”, porém necessita da teoria. Não raro durante a graduação, percebe-se que as disciplinas destinadas ao estágio ou à licenciatura acham-se desvinculadas da teoria, ou possuem pouca teoria, fato que não acontece isolado, mas tem-se repetido ano após ano nos cursos de licenciatura. Partindo para uma dimensão mais ampla, verificamos que as disciplinas teóricas parecem não precisar da prática e que as práticas ficam aquém do seu conteúdo teórico. No cerne desta afirmação percebemos ainda que a profissão de professor se aprende e concretiza apenas na prática, como se o estágio ou até mesmo a atuação posterior à graduação, fosse o único

momento em que a prática irá ocorrer, o que na verdade não condiz com o real objetivo da existência de disciplinas teóricas e práticas durante a formação universitária.

Os futuros professores carecem de um eixo, elo que possa interligar as disciplinas teóricas e práticas, para que não sejam disciplinas isoladas, que parecem vagas e sem uma explicitação de seus significados com a realidade. Outro ponto de relevante consideração está na aproximação que deve existir entre os conteúdos teóricos com a realidade, pois como citado anteriormente deve-se estabelecer um diálogo entre ambas, mesmo que em determinados momentos a teoria não seja aplicável na prática. O momento de fazer estágio pode ser entendido também como o período prático que destinamos para observar a realidade escolar, propor novas metodologias, mas com o curto período de estágio ficamos limitados a simplesmente sermos mecânicos na hora de planejar as aulas que daremos no estágio, utilizando o livro didático, propondo leituras, mas sem trazer o aluno pra realidade que desejamos e também não exercemos a compreensão do conteúdo criticamente.

O estágio então, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem desenvolver uma análise crítica fundamentada teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 36).

O estágio deve ser o período para conhecer a docência, compreender o significado de ser professor em uma sociedade que se transforma rapidamente. A escola tem um papel social, portanto, os professores carecem de assumir um compromisso com a sociedade, para que possam transformar e incitar nos alunos a criticidade. A escola não é um espaço apenas de encontro para trocar idéias, estudar conteúdos específicos das disciplinas. O professor, como descreve Kenski (1994, p.), precisa ser “um transformador, ele precisa ser uma unidade de propulsão no estágio em que a sociedade se encontra”.

Certamente a dicotomia existente entre a teoria e a prática confunde os estagiários, que assustados com o momento de entrar em sala de aula não conseguem conceber a teoria na prática, não conseguem trazê-la para a realidade, ou se tem muita prática ou se tem muita teoria. Em determinados momentos ouvimos os professores da rede de ensino dizerem que os estagiários estão cheios de teoria, porque a Universidade valida muito mais o legado teórico do que o prático, e os professores é que possuem a prática, dizendo ainda que a teoria é outra na prática. Por isso como destaca Kenski (1994) “a primeira habilidade é saber fazer essa leitura, saber ler compreensivamente a teoria e a prática [...] Saber ler a teoria não é saber dizer como o autor, do jeito que ele diz, é saber entender e interagir com ele! Saber ler a prática é exatamente ver a teoria dentro dessa realidade”. O estagiário busca enquadrar a prática na teoria, desvinculando-se da necessidade de questionar a própria teoria, portanto o estágio deve possibilitar também a reflexão partindo da realidade.

O estágio não pode ser reduzido a um simples cumprimento de tarefas burocráticas, como preencher fichas, mas deve haver um sentido de conotação de envolvimento, de intencionalidade, de ação sobre a realidade, uma instrumentalização da práxis docente (PIMENTA; LIMA, 2004).

Deve haver um diálogo do conhecimento com a ação, com a experiência concreta, de modo a possibilitar que os professores compreendam que a experiência teórico-prática passa por constante processo de reelaboração (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 49). Percebemos que os futuros professores precisam ser constantes pesquisadores,

porque a teoria se redefine, já que não é algo imutável, sendo assim, é preciso estar em pleno aprofundamento para que a prática não seja vazia e desvinculada de uma realidade condizente com o momento histórico vivido.

O conhecimento da realidade escolar através dos estágios não tem favorecido reflexões sobre uma prática criativa e transformadora, nem possibilitado a reconstrução ou redefinição de teorias que sustentem o trabalho do professor (PICONEZ, 1991, p. 16).

O tema abordado reflete as observações e debates realizados após o estágio supervisionado de regência, por meio do qual diagnosticamos as principais dificuldades encontradas pelos estagiários. Deste modo, entende-se que a relação teoria e prática, a partir da realização do estágio, permite conhecer melhor a realidade e propor novas mudanças para a formação do futuro professor, para que a prática docente esteja mais próxima da realidade, sobre o prisma da ação social vinculada à transformação desta. Assim, o estágio compreende um momento fundamental e decisivo na formação de professores.

Conclusão

Procuramos ao longo deste trabalho apresentar os principais elementos ou responsabilidades do estágio. Em primeiro lugar, refletimos sobre a questão da teoria como sendo a fonte do conhecimento, mas, que por si só, não é capaz de se modificar e realizar-se. A teoria ou o conhecimento para que tenha sentido, para que se consolide, precisa ser posta em prática, ou seja, precisa ser testada.

Apresentamos o estágio como sendo a parte prática dos cursos de licenciatura, como sendo o grande responsável por aproximar o aluno universitário ao meio escolar, fazendo com que ele possa exercitar o teórico recebido, o transformando assim em realidade.

Todavia, este processo também apresenta dificuldades como, por exemplo, a que os acadêmicos têm em adaptar o teórico recebido para a sua prática e também a realidade local, que por muitas vezes não condiz com o teórico. Contudo, os estagiários não podem deixar de forma alguma de trabalhar a educação com sendo uma arma para a transformação social, diante da ordem constituída, por meio do espírito crítico que deve ser plantado no peito dos alunos, visado formar cidadãos conscientes, militantes por mudança e justiça social, pois isto faz parte das obrigações do estagiário, enquanto futuro professor, e é tarefa deles cumpri-la mesmo mediante todas as possíveis dificuldades.

Os temas abordados partiram de conversas realizadas durante as aulas de Estágio Supervisionado, analisando as principais dificuldades sentidas pelos acadêmicos em vivenciar teoria e prática durante o estágio. Certamente a compreensão da importância que ambas possuem durante a formação acadêmica possibilitam traçar um futuro como professor mais esclarecido, desmistificando as dificuldades que os alunos tem em correlacionar uma com a outra.

Entendido o significado de teoria e prática e o estágio como a aproximação concluímos com a possibilidade de uma transformação na ação pedagógica, embasados na análise da realidade vivida e da construção do conhecimento a cerca desta realidade, partindo para a prática da transformação, consolidado com a práxis humana.

Referências bibliográficas

CASTELLAR, Sonia (org). Educação Geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2007.

GUIMARÃES, Iara Vieira. Ensinar e Aprender Geografia: Contexto e perspectivas de professores e alunos como sujeitos sócio-culturais. In Revista Olhares & Trilhas, v. 1, n.1, 2000. Escola de Educação Básica. Uberlândia.

KENSKI, Vani Moreira. O papel do estágio no curso de formação de professores. Palestra realizada na Unicentro em 14 de abril de 1994.

PASSINI, Elza, Y. (org) Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.

PICONEZ, Stela C. Bertholo. A prática de ensino e o estágio supervisionado. Campinas: Papirus, 1991.

PIMENTA, Selma Garrido. O Estágio na Formação de Professores. Unidade Teoria e Prática? São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004.

SAIKI, Kim. e GODOI, Francisco Bueno de. A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. In PASSINI, Elza, Y. Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da práxis. Clacso. São Paulo: Expressão Popular, 2007.